

O GORGULHO

Boletim Informativo sobre Biodiversidade Agrícola
Colher para Semear – Rede Portuguesa de Variedades Tradicionais
ano 3 . nº3 . Outono de 2006. Distribuição gratuita a sócios



ao encontro da
SEMENTE
21 e 22 de Outubro 2006
Fortaleza de Santiago • Sesimbra

Exposição e troca de sementes
Oficinas
Palestras
Animação
Dança das colheitas

Um incentivo ao cultivo das variedades locais
e à conservação da biodiversidade agrícola

Organização
COLHER PARA SEMEAR
REDE PORTUGUESA
DE VARIEDADES TRADICIONAIS
Sesimbra
câmara municipal

Apoios
Cooperativa Agrícola Castelo-Zimbra • Junta de Freguesia do Castelo
Junta de Freguesia de Santiago • ADREPES - Associação para o Desenvolvimento da Península de
Setúbal • Clube Sesimbrense • Hortosilvestre

ÍNDICE

EDITORIAL _____	- 2 -
AO ENCONTRO DA SEMENTE 2006 _____	- 4 -
COMO FOMOS AO ENCONTRO DAS SEMENTES _____	- 4 -
AS SEMENTES, A ARQUEOBOTÂNICA E O TERRITÓRIO ANTIGO _____	- 6 -
O HOMEM E A SEMENTE _____	- 7 -
AS SEMENTES SÃO PATRIMÓNIO DA HUMANIDADE ! _____	- 9 -
O CHÍCHARO _____	- 11 -
O PAPEL DAS VARIEDADES TRADICIONAIS NA AGRICULTURA EM ZONAS DE TRANSIÇÃO PERIURBANA - O CASO DA PENÍNSULA DE SETÚBAL _____	- 12 -
Introdução _____	- 12 -
Um património genético a não perder _____	- 13 -
Plantas adaptadas ao território - alguns exemplos na região _____	- 13 -
Produtos diferenciados da produção intensiva _	- 14 -
Variedades regionais e agricultura biológica - qualidade e segurança alimentar _____	- 15 -
UMA ÁRVORE À SUA ESPERA _____	- 15 -
REDES DE SEMENTES - GENTE COM BIODIVERSIDADE DENTRO _____	- 16 -
SEEDS SAVERS EXCHANGE _____	- 16 -
RED ANDALUZA DE SEMILLAS _____	- 16 -
PORTARIA SOBRE CRIAÇÃO DE ZONAS LIVRES DE TRANSGÉNICOS _____	- 17 -
BOLETIM DE INSCRIÇÃO DE SÓCIO _____	19
COMO CONTRIBUIR? _____	19
AO ENCONTRO DA SEMENTE 2006 - Programa _____	20

Ficha Técnica

O Gorgulho n° 3 - Outono de 2006

Boletim Informativo Sobre Biodiversidade
Agrícola

Edição: Colher para Semear - Rede Portuguesa de
Variedades Tradicionais

Coordenação e Revisão: Ricardo Paredes e Fátima
Teixeira

Composição gráfica: Fátima Teixeira

Capa: cartaz do Ao Encontro da Semente - 2006
produzido pela Câmara Municipal de Sesimbra

Fotos e imagens: José Miguel Fonseca, Graça Ribeiro,
Plataforma Transgénicos Fora do Prato.

Colaboradores neste número: António Strecht,
Carlos Furtado, Fátima Teixeira, Graça Ribeiro, João Vieira,
Jorge Ferreira, José Eduardo Mateus, José Miguel Fonseca,
Margarida Silva, Paula Fernanda Queiroz, Pedro Alves,
Red de Semillas "Semeando Biodiversidad" e Ricardo
Paredes.

Contactos: Quinta do Olival, Aguda, 3260 Figueiró dos
Vinhos, Tel. 236622218 / 213908784 Tm. 914909334
gcaldeiraribeiro@gmail.com ou fcteixeira@esb.ucp.pt

*A impressão deste boletim foi possível
graças ao apoio da Junta de Freguesia do
Castelo/Sesimbra*

Colaborações são bem vindas. O Gorgulho existe para
dar voz aos associados, os vossos pontos de vista e
experiência são bem vindos neste espaço. Faça-nos
chegar o seu texto.

EDITORIAL

José Miguel Fonseca

As sementes voltam a reunir-se. A montra da nossa herança vegetal e genética agrupa-se desta feita em Sesimbra, localidade que nos tem apoiado nesta iniciativa, através da sua Câmara Municipal, logo desde o momento em que a ideia lhe foi apresentada. Este ano com o suporte logístico e financeiro da edilidade e das juntas de freguesia do Castelo e de Santiago podemos mostrar as nossas sementes em melhores condições, no local que é o ex-libris de Sesimbra: a Fortaleza de Santiago.

Os objectivos do encontro são o de reunir o maior número da família de colectores e simpatizantes das sementes, e se possível que aí se efectuem trocas de saberes, histórias e as próprias sementes principalmente. Também com a mostra das sementes não comercialmente disponíveis, o público terá uma oportunidade soberana de ver ou rever

variedades que certamente lhes avivarão a memória da sua utilidade e dos seus sabores esquecidos. Nomes como os feijões Papos de rola, Cabeça de coelho, Carrega burros, as favas roxas algarvias, o trigo preto amarelo, galego, barba preta ou grão preto, são apenas alguns exemplos da diversidade agrícola existente, em alguns casos no limite, como é o da garroba, a lentilha transmontana, ou o milho alvo. É por esses que nos batemos, para que não sejam as sementes desaparecidas de amanhã, como tantos outros de impossível retorno. As qualidades gastronómicas de muitos destes legumes e frutos é outro objectivo a aliar, pois a melhor maneira de assegurar a continuidade dos mesmos é o de conseguir o seu uso regular como alimento.

É também propósito da Associação realizar um levantamento das espécies hortícolas e frutíferas tradicionais e/ou adaptadas de cada concelho onde se realiza o encontro anual das sementes. No caso do concelho de Sesimbra, esse trabalho foi conseguido com o apoio financeiro da Associação para o Desenvolvimento Rural da Península de Setúbal - ADREPES. O levantamento foi alargado para cobrir a Península de Setúbal. O resultado foi animador, especialmente em Sesimbra, onde o número de “achados” foi significativo, especialmente nas frutíferas. Esperamos realçar no encontro estas mesmas variedades e tentar que sejam mais cultivadas nas áreas onde foram encontradas ou outras próximas, devido à sua excelente adaptação ao meio.

Este encontro proporciona-nos também uma boa oportunidade para debater ideias e estratégias de defesa da nossa herança com entidades análogas, na troca de experiências entre as várias redes de sementes europeias. Esperamos que seja um ponto que traga soluções e conclusões interessantes. Os convidados vêm especialmente dos países mais próximos de nós (Espanha e França),

mas com possibilidades de atrairmos outras redes mais além.

A mesa redonda com os Agricultores Sábios também traz algumas emoções, relatos de vivências dos convidados na lida presente ou passada, com variedades tradicionais que lhes foram transmitidas pelos seus antepassados. São pessoas com muita sabedoria, adquirida através de anos de comunhão com a terra, as suas práticas e conhecimentos em cultivo na conclusão do ciclo da semente são valiosas e dão-nos uma oportunidade de as ouvir ao vivo, sem dúvida com alguma dose de humor e esperança que o passado nos guie no futuro.

O entusiasmo gerado à volta do primeiro encontro, dá-nos a entender e compreender a união de pensamentos que comungamos com muitas pessoas de todas as regiões do país. Estas situações motivam-nos a continuar no nosso caminho e que possamos para o ano que vem mostrar-vos ainda mais da nossa riqueza agrícola e silvestre.

Não vou continuar com este desabafo em jeito de editorial, se forem como eu, é a última edição do boletim que leêm. Se estiverem presentes, bem vindos a partilharem connosco as vossas sementes e conhecimentos, pois Sábios são aqueles que sabem ouvir os outros. Os que não puderem estar presentes, serão felicitados por estas palavras. A todos um bem haja e lembrem-se: a semente é a razão da nossa existência e que ela continue a germinar e a crescer, pois já ninguém a pode parar!



COLHER PARA SEMEAR

**REDE PORTUGUESA
DE VARIEDADES TRADICIONAIS**

AO ENCONTRO DA SEMENTE 2006

Objectivos da realização do Encontro

O Encontro da Semente tem por intenção reunir todos os anos uma mostra do património agrícola e da grandeza da biodiversidade vegetal do nosso país. É o local apropriado ao encontro dos nossos hortelões, agricultores e todos aqueles que têm paixão pelo trabalho da terra; aí têm uma soberana oportunidade para mostrar, trocar e falar sobre as respectivas sementes.

O Encontro pretende também contribuir para a independência dos agricultores, através da sua participação em oficinas que ensinam a recolha de sementes de forma a completar o ciclo da cultura, em particular de variedades locais em perigo de desaparecimento, evitando-se assim a extinção da nossa herança agrícola.

É também finalidade deste Encontro apresentar o resultado do levantamento efectuado do património vegetal cultivado, neste caso da Península de Setúbal. Esta recolha teve como propósito estimular a continuidade do uso destas variedades, tirando partido das suas características, nomeadamente, a rusticidade em termos de adaptação ao clima, solos e necessidades hídricas, assim como promover as qualidades gastronómicas junto das populações.

A tendência para a perda da biodiversidade agrícola pode ser diminuída, ou mesmo invertida, se tomarmos consciência da presente necessidade de preservar para as futuras gerações o que nos foi legado pelas anteriores. Felizmente ainda temos algo para proteger!

A Associação Colher para Semear tem por objectivo fomentar o uso dos legumes, frutos e plantas em geral, esquecidos ou marginalizados, enriquecendo deste modo a nossa dieta alimentar. Para conseguir este propósito a Associação tem trabalhado junto dos agricultores, incentivando e esclarecendo acerca dos benefícios e da importância das

culturas tradicionais nos seus locais de origem, ao mesmo tempo que disponibiliza sementes adaptadas.

O sucesso desta iniciativa tem-nos entusiasmado e dado alento para continuar o trabalho iniciado há uns anos atrás, em 2004. Sentimos a responsabilidade de manter o actual património de legumes, frutas, cereais e plantas aromáticas e silvestres, de uma forma simples e eficaz. Este objectivo será facilitado se no final deste encontro pudermos contar com mais membros entusiastas e activos.



COMO FOMOS AO ENCONTRO DAS SEMENTES

Graça Caldeira Ribeiro

Foi nosso propósito fazer uma recolha das variedades regionais da Península de Setúbal tendo em vista a elaboração de um catálogo a apresentar na altura do Encontro. Esta ideia, que pretendemos manter para o futuro, tem não só a vantagem de permitir localizar os agricultores que ainda têm sementes, cepas ou árvores de fruto de variedades antigas, como ainda de criar um método para a inventariação em todo o país. Assim, todos os anos trabalharemos na região onde se realiza esta nossa iniciativa e, com a ajuda dos sócios que entretanto irão fazendo a sua recolha na zona a que pertencem, esperamos encontrar o maior número possível das nossas variedades tradicionais ainda existentes.

Desta vez, na Península de Setúbal, o trabalho decorreu recheado de surpresas, dúvidas e muitas alegrias. A satisfação dos agricultores perante o nosso interesse nas suas preciosas variedades foi, desde logo, uma recompensa.



Não esquecemos a boa disposição do Sr. António Maria, da Aldeia Nova da Azóia, quando nos abria o portão logo às 6.30h da manhã, para diversas sessões fotográficas à sua ginja Galega, uva Santa Isabel e, já no final do Verão ao seu pomar de maçã Camoesa da Azóia. Ou ainda a alegria com que a D^a Visitação nos trouxe na carrinha uns belos exemplares da tão procurada abóbora Pau, já quase desaparecida naquela região.



Também o Zé Mariano apareceu para uma visita, empunhando orgulhoso uma tigela cheia de uns belos exemplares do tomate Rosa da Moita - assim lhe chamou ele por não ser conhecido outro nome - para fotografarmos para o catálogo.

Apesar de sabermos bem que as plantas das variedades tradicionais são mais vigorosas e resistentes, e mais bem adaptadas ao meio, não deixámos por isso de ficar espantados quando finalmente encontramos um pequeno pomar de maçã Branca ou

Moscatel. As árvores, apesar de antigas, não mediam mais que 80 cm de altura, mais pareciam um arbusto; tinham os ramos arqueados em direcção ao solo, não tanto pela quantidade de frutos mas como protecção, pois estavam numa zona agreste e sujeita a ventos fortes, perto do Cabo Espichel. Pelo que se conta existiam mais de mil árvores de maçã Branca naquele sítio onde agora restam apenas meia dúzia de exemplares. Depois de restabelecidos do espanto deliciámo-nos com o aroma e o sabor intensos desta maçã de pele rosada e polpa branca. Ao cair do dia voltámos para fotografar. E muito mais podíamos contar sobre estes meses em que recolhemos cerca de três dezenas de variedades locais.

Não consideramos o trabalho acabado porque, temos disso a certeza, algumas variedades daquela vasta região ficaram por encontrar. Mas, sempre que apareçam, serão incluídas neste catálogo que esperamos seja muito útil aos actuais e futuros agricultores desta península. Desejamos ainda que contribua para o ressurgimento destes frutos e legumes esquecidos, em mercados e vendas. Para bem de todos nós.



Algumas das apresentações do AO ENCONTRO DA SEMENTE - 2006

Agradecemos desde já aos autores dos seguintes textos a disponibilidade e a colaboração para participarem no **Ao Encontro da Semente 2006**, e também por nos terem facultado os textos das suas intervenções de modo a que possamos incluí-los neste número do Gorgulho, em jeito de actas do Encontro. Aos outros oradores ausentes nesta resenha, por motivos vários, agradecemos igualmente a presença no evento e convidamo-los a enviarem as suas apresentações, para finalmente podermos ter

a globalidade dos textos das palestras e quem sabe publicá-las na íntegra num único número ou num documento à parte. Bem haja a todos!



AS SEMENTES, A ARQUEOBOTÂNICA E O TERRITÓRIO ANTIGO

*Paula Fernanda Queiroz e José Eduardo Mateus
do Instituto Português de Arqueologia*

Nesta palestra são apresentados de forma ilustrativa exemplos da investigação arqueobotânica e paleoecológica sobre a evolução dos territórios e da paisagem portuguesa ao longo dos últimos milénios, dando especial ênfase ao papel das sementes e do seu estudo em diversos contextos do passado, nomeadamente os conjuntos medievais e modernos, descobertos em centros históricos portugueses, nomeadamente Lisboa, Coimbra e Santarém.

Deparamo-nos em geral com três principais situações de preservação de frutos e sementes. Talvez os mais frequentes sejam os conjuntos carpológicos carbonizados, surgidos sobretudo em povoados antigos, mas também em contextos funerários. Aqui a combustão parcial dos restos orgânicos acumulados, provoca a carbonização dos restos orgânicos – frutos, sementes, madeiras – que assim ficam isolados das cadeias tróficas, inibindo-se a sua decomposição.

Mais raramente ocorrem conjuntos de sementes e outros restos de origem vegetal (e animal) preservados em sítios arqueológicos e monumentais, em condições particulares de alagamento e/ou de matriz sedimentar argilosa, sem arejamento – poços, cisternas, latrinas, lixeiras, valas de despejo... São contextos preciosos do ponto de vista da sua potencialidade de informação

arqueobotânica, onde as condições de falta de oxigénio que aí prevalecem inibem grande parte da actividade microbiológica e conseqüentemente promovem uma excepcional preservação dos restos orgânicos. Por fim, consideramos os conjuntos de frutos e sementes, conservados nos sedimentos naturais de acumulação contínua das bacias palustres em Portugal, verdadeiros santuários da memória ecológica dos nossos territórios e paisagens do passado.

O estudo arqueobotânico e paleoecológico das sementes desenvolve-se em conjugação com outras linhas de pesquisa, nomeadamente com os estudos dos conjuntos de pólen fóssil, e conjuntos de tecidos lenhosos, carbonizados ou não.

Diferentes fundos de informação arqueobotânica e paleoecológica são considerados. Resultam de distintos vectores de dispersão e deposição dos restos vegetais – dispersão natural de diásporas e fitoclastos (pelo vento, água, animais...); dispersão pelos homens ao longo de uma grande diversidade de acções de recolha, processamento e consumo.

Finalmente torna-se fundamental compreender a tafonomia, as condições propiciadoras da fossilização e conservação destes materiais da antiga agricultura, recollecção e consumo humano, e os processos de deposição e alteração a que estão associados – aspectos fundamentais para contextualizar e interpretar adequadamente a evidência arqueobotânica



O HOMEM E A SEMENTE

Saberes e sementes tradicionais de Portugal

António Strecht, *edibio@sapo.pt*
da EDIBIO, EDIÇÕES, LDA

1. Introdução

As sementes tradicionais de que ainda hoje nos orgulhamos de possuir em Portugal, chegaram até nós graças aos inúmeros trabalhos dispensados pelos nossos avós.

A preservação das variedades tradicionais está intimamente ligada aos saberes associados à semente.

Com esta breve apresentação pretendemos apenas despertar o interesse de todos os amigos das sementes (particularmente dos que as semeiam) para a necessidade do conhecimento e conservação dos saberes associados às sementes tradicionais.

A título de exemplo, referimos apenas alguns saberes recolhidos junto de agricultores de Norte a Sul do país.

2. Metodologia

As metodologias mais usuais na recolha de dados em Etnobotânica são as técnicas de Inquirição, através da realização de entrevistas mais ou menos estruturadas ou através de inquéritos por questionário (Frazão - Moreira, *et al*).

No caso presente a recolha foi efectuada através de entrevistas informais a agricultores no campo ou em salas de formação (cursos de agricultura biológica).

Os restantes saberes apresentados, são memórias do que vi outrora observando o meu antigo jornalista, o "Pejão velho", a minha caseira Ti Palmira ou o meu avó Zé.

3. Saberes e sementes tradicionais de Portugal

A memória mais remota que possuo acerca das sementes leva-me até a uma loja térrea no quintal de minha casa, em Castelo de Paiva (a casa da lenha) onde o Sr. Pejão, um venerando jornalista guardava religiosamente os pés floridos da alface escolhidos para semente.

Recordo e conservo os tabuleiros e as caixas de latão onde o meu avó guardava as sementes tradicionais de nabo, ervilha, couve galega, abóbora, chila...

Da minha avó Alice recordo a preocupação, para que o meu avó guardasse as pivedas das abóboras com mais verrugas (aí que saudades do doce de abóbora da avó Alice).

Passaram-se mais de 30 anos, e continuo a aprender e muito com os agricultores acerca das sementes, de como se conservam, quando se devem semear e quais as múltiplas utilizações a dar às produções obtidas.

Devo dizer que a maioria da informação foi tradicionalmente recolhida junto de senhoras. Nas aldeias a horta é da sua responsabilidade, pelo que também a recolha das sementes, e sua conservação para a próxima sementeira é uma tarefa habitualmente realizada pelas senhoras (alguns homens têm até alguma relutância em falar de assuntos relacionados com as sementes!).

A Sr^a Gracinda da Cabreira (Alfândega da Fé), ensinou-me a seguinte receita "para os feijões para a semente não ganharem bicho": colocar o feijão em cima de uma toalha, barrufar (salpicar) com aguardente, misturar muito bem, meter uns paus de eucalipto e zimbro, meter dentro de uma talega (saco de pano) e colocar dentro das arcas (caixas de madeira).

Em Bairros, Castelo de Paiva aprendi com a Ti Palmira a maneira de ter bom "cebolinho" (plantio de cebola): no final da

sementeira da margem (alfobre) de cebola, deve colocar-se neste, uma cruz de trovisco (*Daphne gnidium*) para afastar "os maus olhados do cebolo". (O que acontece é que os alfobres são normalmente muito bem fertilizados com estrume, o que atrai as toupeiras à cata de minhocas, que revolvem a terra e assim prejudicam o nascimento e desenvolvimento dos pés de cebola. O trovisco afasta a toupeira...).

O Ti António, marido da Ti Palmira, tem sempre excelentes tomates coração de boi, para ele o segredo está na escolha dos tomates para semente: deve escolher-se um tomateiro com os melhores exemplares (melhor aspecto, tamanho e ausência de doenças) e marcar esse tomateiro, para que não se retire nenhum tomate até que os tomates seleccionados estarem muito bem maduros, prontos para a colheita.

Na aldeia de Fridão, Amarante, a Sr^a Dores ensinou-me uma forma simples de separar a semente do pepino e de as conservar até à sementeira: colocar o pepino numa meia de senhora, e pendurá-lo num sítio alto da cozinha (que tradicionalmente, tem lareira).

Os agricultores conhecem e aplicam muitas práticas culturais, que são verdadeiras medidas preventivas; por exemplo em Macedo de Cavaleiros os agricultores dizem que se deve "deixar parir a terra", antes da sementeira dos cereais, isto é, recomendam a "falsa sementeira", que deste modo reduz o banco de sementes de ervas "daninhas".

Da recolha informal que temos efectuado o maior caudal de informação recolhida está relacionado com a data de sementeira, quer o mês ou dia, quer a fase da Lua da sementeira e demais operações culturais:

- em Março, semear até o cabaço (Ponte de Lima);

- dia de St^a Cruz (3 de Maio), toda a melancia tem que fazer cruz (4 folhas) (Ponte de Lima);

- "se queres nabal como o meu, semeia no dia de S. Bartolomeu" (Silveiros, Barcelos);

- os coentros devem ser semeados no minguante de Agosto (Amareleja, Moura);

- "se o feijão for semeado na Lua Nova, nasce sem orelhas" (Vila Cova, Barcelos);

- a Sr^a Beatriz de Barcelos, disse-me que "a Lua Nova espiga a cebola";

- segundo a Sr^a Maria de Sobrado (Castelo de Paiva) semear/plantar e colher cebola, alho ou batata, na Lua Velha (entre a Lua Cheia e o Quarto Minguante, preferencialmente ao terceiro dia);

- para a Sr^a Maria de Oliveira (Mangualde), que tem sempre uns bons feijões verdes, o segredo é semear os feijões na Lua Velha (entre a Lua Cheia e o Quarto Minguante, "mas na Luinha não", isto é, não se deve semear feijões no primeiro após a Lua Cheia), senão só dão nas pontas; esta senhora diz que as ervilhas, as favas e a cebola devem igualmente ser semeadas na Lua Velha.

- a Sr^a Henriqueta de Povóia, Miranda do Douro, semeia as bobidas (abóboras) na lua velha.

Quanto à utilização das variedades tradicionais, abaixo descrevem-se alguns exemplos:

No Rogil (Aljezur) alguns agricultores mais idosos cultivam ainda um tomate a que chamam "tomate de Inverno", que é guardado no chão, em esteiras por 6 ou 7 meses; é utilizado nos refogados.

Na Póvoa (Miranda do Douro), os agricultores cultivam diversas variedades de abóbora, a que chamam bobidas ou bobedas:

- bobida para tortilha
- bobida com verrugas
- bobida menina
- bobida vulgar

A bobida para tortilha é uma abóbora com uma forma parecida com a “courgette”, que é usada para confeccionar uma tortilha, quando verde; pica-se aos bocadinhos e frita-se com azeite e ovos, numa sertã. Esta mesma bobeda, quando madura é utilizada na alimentação dos porcos e da burra.

A bobida com verrugas é guardada para a confecção do doce, pois é mais fibrosa.

A bobida menina é guardada para a época natalícia, para confecção de doces de Natal.

A bobeda vulgar é utilizada em verde na sopa e, “madura” é usada na alimentação dos porcos e da burra.



Em 2000, na aldeia da Póvoa, semeava-se ainda o “serôdio”, suponho tratar-se de uma variedade regional de trigo, de semente mais pequena e mais fina, amarelada; só está 3 meses na terra. Nesta aldeia disseram-nos maravilhas do pão serôdio, é um pão mais

leve, mais doce, contudo custa mais a cozer, pois resvala mais.

Já que falei de culinária, tenho que mencionar as casulas, vagens de feijão verde secas (sementes tradicionais), acompanhamento de muitos pratos típicos da culinária do Nordeste Transmontano; neste caso ao conservar estas sementes conserva-se igualmente o património gastronómico genuinamente português!

4. Conclusão

A conservação das sementes tradicionais está intimamente ligada à conservação dos saberes a essas sementes associados, tais como: preparação do terreno, selecção de sementes, altura da sementeira, conservação, utilizações culinárias ou outras.

Urge uma recolha destes saberes fundamentais à conservação genuína das variedades tradicionais, e posterior transmissão a todos os utilizadores destes verdadeiros tesouros. Deste modo, estamos a proceder a uma conservação da biodiversidade das nossas plantas, bem como da nossa cultura ímpar, fundamentais na manutenção de uma identidade própria e independência sócio-económica e política, num mundo tão conturbado e que alguns querem uniforme e cinzento.

5. Referências bibliográficas

Frazão - Moreira & Fernandes, Manuel (org.) (2005) Plantas e Saberes, no Limiar da Etnobotânica em Portugal. Edições Colibri / Instituto de Estudos de Literatura Tradicional, Lisboa, 114 pp.



**AS SEMENTES SÃO PATRIMÓNIO
DA HUMANIDADE !**

*João Vieira, Agricultor
Membro da Direcção Nacional da CNA*

A Revolução Industrial deu início ao declínio da estabilidade da Agricultura Familiar em todo o Mundo e, conseqüentemente, a sua subordinação à Agro-Indústria e, mais recentemente às indústrias agro-alimentares e à grande distribuição alimentar.

De resto, todas as políticas agrícolas, comunitárias e nacionais, têm tido esse objectivo.

O modelo produtivista, a baixa de preços à produção teoricamente compensada com subsídios, destinam-se sobretudo ao aprovisionamento desses sectores, com matéria prima agrícola ao mais baixo preço possível que, em muitos casos, não reflectem sequer os custos de produção, mas têm custos ambientais e sociais que nunca foram contabilizados.

Como, para colher é preciso semear, as sementes estão no centro de todo este processo de mercantilização e de domínio da produção de alimentos.

Podemos mesmo falar de domínio e controlo do Mundo através da "Arma Alimentar". As sementes transgénicas, as patentes sobre seres vivos, são disso prova evidente.

Historicamente os Agricultores sempre tiveram o direito a produzir, semear, vender, trocar ou dar as suas sementes. Este direito está a ser-lhes roubado.

Pode dizer-se que as sementes tinham uma utilização "democrática", respeitando a biodiversidade plena, condição indispensável à vida.

Pelo contrário, as sementes transgénicas são as sementes da "ditadura": são impostas contra a vontade das pessoas e, não sendo possível a coexistência, contaminam outras sementes, arrasando a biodiversidade e ilegalizando, de facto, as sementes dos Agricultores.

O ataque vem do lado das patentes, das multinacionais de agrotóxicos e sementes, mas também da U.P.O.V (União para a

Protecção das Obtenções Vegetais), criada em 1961.

Da Conferência dessa União, em Genebra, cito a seguinte frase: "O privilégio do agricultor re-semear a sua colheita é facultativo se não prejudicar o justo direito do obtentor de sementes."

Isto é, o "privilégio" de re-semear a sua própria colheita pode concretizar-se pagando uma taxa ao obtentor de sementes certificadas !...

Na União Europeia há toda uma regulamentação que conduz à ilegalidade dos agricultores que semeiam o que colhem.

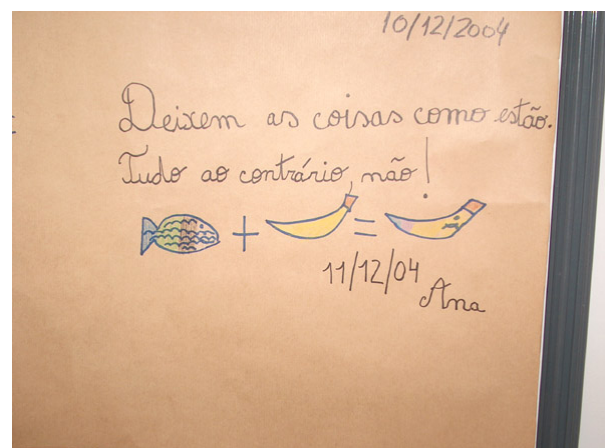
De notar que o direito ancestral dos agricultores a utilizarem as suas sementes se "transforma" agora num "privilégio" consentido pelos obtentores de sementes, depois de paga a taxa, obviamente!!!

É nessa lógica que os subsídios da PAC (Política Agrícola Comum) só eram dados para semente certificada e nunca para a semente do Agricultor.

De resto, a partir do séc. XX, com as leis de Mendel (França) sobre a hereditariedade, a selecção vai entrar na era "científica" e, progressivamente, escapar ao Agricultor.

A selecção passa a ser técnica e as escolhas far-se-ão com base em critérios de eficácia financeira e obtenção de lucros.

A técnica dos híbridos é o primeiro exemplo e também a primeira impostura da chamada "Revolução Verde": uma escolha com base em critérios comerciais e não outra coisa!



Os grãos obtidos de sementes híbridas produzem sementes que degeneram, logo não podem ser reutilizadas. Estava encontrada a forma de dependência dos Agricultores, que a cada ano ficam condicionados a comprar a semente. Tal dependência deixa o controlo dos mercados e dos preços aos obtentores de sementes!

Esta orientação é consagrada em Lei, nos EUA, em 1923: no que respeita ao milho, a selecção passa a ser híbrida, em detrimento da selecção convencional.

A decisão foi tomada pelo Sr. Wallace, então Ministro da Agricultura dos EUA. Em 1926, o seu filho cria a PIONNER e torna-se, por sua vez, Ministro da Agricultura dos EUA, em 1933.

É assim que, desde esse tempo, a selecção técnica, aliada aos critérios de eficácia financeira, nos conduziu aos milhos transgénicos dos nossos dias, de que é exemplo último a tecnologia TERMINATOR, que consiste em tornar as sementes estéreis.

Se o milho híbrido foi, na altura, aceite como um progresso da técnica da ciência, foi porque as pessoas não tinham tomado consciência dos danos que viria a causar a “Revolução Verde”... que, diga-se aliás, não foi “Revolução”, pois eliminou milhões de Agricultores e devastou a agricultura familiar; e muito menos foi “Verde”, atendendo aos danos ambientais e aos escândalos alimentares que causou (e causa), em muitos casos irreversíveis!

Hoje, à luz de tudo o que já se viu e das ameaças em curso a tudo o que é essencial à vida, não podemos ficar indiferentes.

Temos que agir enquanto é tempo: esclarecer, informar e resistir!

Está em jogo a Soberania Alimentar dos Países. Está em jogo a alimentação de todos e de cada um!

Lamentavelmente, o Governo Português prestou-se ao jogo das multinacionais: pôs o

território nacional à disposição do agro-negócio, para saciar os apetites financeiros da técnica da transgénese.

Não deixemos que os oligopólios se apropriem das sementes e da biodiversidade, que são património da Humanidade.

As sementes são a vida - e a vida não pode ser propriedade privada de ninguém.



O CHÍCHARO

Carlos Furtado e Pedro Alves

Quem os produz, chama-lhes popularmente, “xixaras”, no plural, os gregos denominavam-nos como “lathyrus”, os latinos “circula”. Esta leguminosa com uma implantação mundial, apresenta diferentes denominações na Europa, “chickling veteck” na Inglaterra, “platerbec” na Alemanha, “cicerchia” em Itália e “gesse” em França.

Em Portugal assume diferentes sub-denominações, e muito embora seja na maioria conhecido como Chícharo, são-lhe dados diferentes nomes este termo surge associado a feijão frade na Beira Alta, em Trás-os-Montes e no Brasil. No litoral Alentejano é conhecido como “ervanços” ou “ervilha quadrada”.



O Chícharo é cultivado desde épocas remotas, nas suas duas valências, como planta forrageira e como legume comestível.

A cultura do Chícharo dá-se essencialmente em solos barrentos e argilo-calcários, suportando bem os solos secos e calcários. A sua cultura é feita de forma intercalar, entre oliveiras, figueiras e outras árvores de produção, aparece também associado com o cultivo do grão-de-bico. É semeado a lanço, em linha ou rego, depois da terra estar alqueivada ou gradada.

Depois de apanhados são debulhados e por fim deitados ao vento e joeirados. Antes de se consumir deve ser demolhado, pode ser utilizado de diferentes formas, em puré, ou como acompanhamento de carnes, enchidos, de peixe, nomeadamente da petinga e do bacalhau. Noutros tempos, dizia-se que a água da sua cozedura, era um óptimo paliativo no tratamento da tuberculose. Mais popularmente, as gentes indicam-lhe características afrodisíacas.

Em Alvaiázere acompanhado com azeite, couves e broa, atinge o seu pleno de sabor e tradição, mas a sua utilização não fica apenas circunscrita a esta ementa. Uma leguminosa muito rica em proteínas, hidratos de carbono e sais minerais, de sabor suave e macio, com uma enorme versatilidade permite o seu uso em diferentes opções gastronómicas.

Desde há quatro anos a esta parte, no primeiro fim-de-semana de Outubro, em Alvaiázere realiza-se o Festival Gastronómico do Chícharo, concelho que se assumiu como Capital do Chícharo. Este evento tem originado um grande envolvimento das populações da Serra do Sicó, aumentando significativamente a sua produção que estava a entrar em declínio, e criando com sucesso novas ementas: nos doces pode-se comer em pastéis, tartes, mousses, rissóis de chícharo, etc. Encontra-se ainda nas mãos e saberes das gentes de Alvaiázere a aguardente e licor de chícharo, que esperamos poder partilhar

convosco no próximo Festival a 5, 6 e 7 de Outubro de 2007.



O PAPEL DAS VARIEDADES TRADICIONAIS NA AGRICULTURA EM ZONAS DE TRANSIÇÃO PERIURBANA - O CASO DA PENÍNSULA DE SETÚBAL

*Jorge Ferreira, jferreira@agrosanus.pt
AGRO-SANUS, Assistência Técnica em Agricultura
Biológica, Lda*

Introdução

As variedades tradicionais, ou regionais, foram durante séculos a base da produção agro-alimentar mundial. No século XX foram progressivamente substituídas por variedades híbridas, geralmente de maior produtividade, mas apenas no primeiro ano, dada a degeneração das mesmas com o conseqüente compra anual da semente pelo agricultor, com maior dependência da indústria e maior custo de produção, nem sempre compensado pelo aumento da produção.

No caso português existem muitas variedades regionais, quer de plantas anuais (cereais, hortícolas, proteaginosas) quer de plantas perenes (árvores de fruto, oliveiras, videiras), mas muitas delas ou já foram abandonadas ou nunca chegaram a ter grande expressão produtiva.

Um caso de exceção é o da pêra Rocha, originária de Sintra, com a área de produção a aumentar na região Oeste, graças às suas qualidades e à sua divulgação e promoção junto do consumidor urbano.

A Península de Setúbal não tem pêra Rocha mas tem outras variedades com origem no seu território e que urge conservar e manter em produção. É o caso da maçã Camoesa da Azóia, da maçã Riscadinha de Palmela ou

Cunha (que também aparece na zona de Sesimbra), da cebola de Alcochete, da cebola de Setúbal, da laranja de Setúbal ou da uva Moscatel (também chamada de Setúbal).

Em regiões rurais periurbanas estas variedades têm diversas vantagens, nomeadamente as seguintes:

- maior diversidade de alimentos para a população urbana;
- maior qualidade e segurança alimentar;
- maior biodiversidade e enquadramento paisagístico;
- reforço da componente cultural da produção agrícola e do produto regional;
- contributo para a sensibilização e educação ambiental das populações rurais e urbanas.

Um património genético a não perder

Como evitar a perda das variedades regionais?

A melhor forma é no terreno, mantendo-as em produção! A conservação em bancos de germoplasma é também importante mas não suficiente para garantir o futuro da variedade e a sua evolução.

Para que isso aconteça são necessários os seguintes requisitos:

- disponibilidade de sementes ou plantas de viveiro, para possibilitar as sementeiras ou plantações;
- boa adaptação às condições da exploração (solo, clima, água de rega, mão de obra disponível, conhecimento técnico e tecnologia de produção disponível), que permita o seu cultivo com êxito;
- procura pelo produto que o valorize e que permita uma produção economicamente sustentável;

Plantas adaptadas ao território - alguns exemplos na região

A maçã Riscadinha de Palmela ou Cunha que apesar do nome não é exclusiva desse concelho, é um bom exemplo duma variedade adaptada à região, e com interesse económico, pelas seguintes razões:

- é uma maçã precoce (colheita em Julho) e por isso apresenta menor risco de ataque de mosca da fruta, praga de difícil combate e que em variedades mais tardias provoca graves prejuízos nesta região de clima propício à mosca;
- a sua precocidade também faz diminuir os prejuízos causados pela principal praga da macieira em Portugal - o bichado ou lagarta da maçã;
- pelo facto de a colheita ocorrer em Julho não tem concorrência na produção, sendo geralmente a primeira maçã da época e ainda anterior ao mês de Agosto em que a procura de alimentos em geral na região da grande Lisboa baixa;
- é pouco exigente em frio de inverno, o que permite a sua produção em regiões de inverno ameno;
- é a variedade de maçã do mercado "convencional" mais bem paga a seguir a uma outra variedade regional da região de Viseu - a Bravo de Esmolfe;
- actualmente a produção é insuficiente para a procura existente, de acordo com a informação da Cooperativa Agrícola de Palmela.



A cebola de Alcochete é outro exemplo positivo para a região. Para além da sua adaptação ao solo e clima da Península de Setúbal, tem ainda interesse quando cultivada em Agricultura Biológica, já que a cebola de modo de produção biológico é dos produtos hortícolas com maior venda, porventura pela melhor qualidade e sabor quando cultivada sem adubos e pesticidas químicos de síntese.

A uva Moscatel de Setúbal é ainda outro exemplo de sucesso, não só pela produção do vinho licoroso com o mesmo nome, mas também pela potencialidade que tem como uva de mesa em Agricultura Biológica, já que a pequena produção biológica actualmente existente tem grande aceitação pelos consumidores, já um tanto cansados de comerem sempre as mesmas uvas (Cardinal, Dona Maria e pouco mais).

Produtos diferenciados da produção intensiva

As variedades regionais existentes no território são produzidas em pequena escala, quando comparadas com variedades de utilização generalizada a todo o país ou a vários países da Europa e até doutros continentes. Por exemplo as variedades mais vendidas em Portugal de maçã, ou de cebola, não são variedades portuguesas. A excepção a esta regra, porventura a única excepção, são as castas de uva Moscatel e Periquita (ou

Castelão), que são dominantes na região, principalmente a segunda para a produção de vinho tinto de mesa.

Produtos com diferentes sabores e aromas, produtos com história, produtos sem resíduos tóxicos, têm condições para serem valorizados pelo consumidor e assim possibilitar um preço mais justo ao produtor. A proximidade entre produtor e consumidor tem ainda a vantagem de possibilitar um conhecimento mútuo e uma maior confiança entre ambos.

Contributo das variedades regionais para um território mais ecológico e sustentável

As variedades regionais podem e devem ser cultivadas de modo tradicional sem recurso aos factores de produção de síntese química que só começaram a ser aplicados na agricultura no século XX, principalmente na segunda metade, com um forte incremento da aplicação de pesticidas que se verificou a partir da década de 50. Essa forte e muitas vezes cega aplicação de adubos, pesticidas e hormonas de síntese, aumenta o risco de resíduos tóxicos nos alimentos, muitos deles com efeitos cancerígenos, desreguladores hormonais, ou mutagénicos. Ora dessa forma não há variedade regional que resista, perdendo assim as suas características qualitativas.

Esses factores de produção também agridem fortemente o ambiente, contaminando recursos naturais como a água (nitratos e pesticidas), o solo (pesticidas, resíduos inorgânicos, metais pesados) e destruindo diversos organismos (insectos auxiliares, entre outros).

Uma produção agrícola sustentável tem de ser baseada nos recursos naturais da região, sem provocar a sua degradação – o solo, a água, o ar, os recursos genéticos, a paisagem e os organismos vivos que dela fazem parte. As variedades regionais são recursos naturais que têm sido mantidos pelos agricultores e podem e devem continuar a sê-lo. Só assim

será possível um território rural periurbano ecológico e sustentável.

Variedades regionais e agricultura biológica - qualidade e segurança alimentar

Do que ficou dito para trás, pode concluir-se que a qualidade das variedades regionais, ou melhor dos produtos delas derivados, depende em grande medida do modo como são produzidos.

Sendo a Agricultura biológica o modo de produção mais sustentável, como já foi provado cientificamente comparando modos de produção “convencional”, “integrado” e “biológico”, e o único que não autoriza produtos químicos de síntese de alto risco ambiental e de saúde, faz todo o sentido produzir as variedades tradicionais neste modo de produção.

Acresce o facto de existir um interesse crescente de muitos consumidores pela agricultura biológica, não só como fonte de alimentos saborosos e saudáveis, mas também de uma melhor qualidade ambiental e de vida em geral.

Finalmente referimos uma forte ameaça às variedades regionais e à possibilidade de os agricultores as poderem continuar a utilizar. Trata-se das variedades geneticamente modificadas (também conhecidas por variedades transgénicas), com genes de outras espécies de plantas, animais ou micróbios, e que têm a capacidade de, através do pólen transportado pelo vento ou pelos insectos, contaminarem outras variedades da mesma espécie. É o caso do milho, cultura já com variedades transgénicas autorizadas e cultivadas em Portugal e que podem contaminar as variedades regionais de milho, contaminação essa que se reproduz, podendo levar à extinção da variedade regional.

Também aqui a agricultura biológica é o único modo de produção que não autoriza o cultivo de variedades geneticamente modificadas, dando prioridade a variedades

regionais ou outras mais adaptadas às condições de produção em causa.



UMA ÁRVORE À SUA ESPERA



Anúncio promovido pela Colher Para Semear
O sócio da Colher Para Semear, Eduardo Trindade, agricultor em Pedrógão, possui um valioso leque de árvores de floresta autóctone e de jardim, envasadas e prontas a serem transplantadas, a preços módicos. Assim, qualquer variedade de árvores para floresta custa 0,50 € e qualquer variedade de árvores de jardim custa 1,50 €. Estas árvores precisam urgentemente de “casa nova”. Eis as variedades disponíveis:

Árvores de Floresta Autóctone

- Sobreiros (*Quercus suber*)
- Carvalho cerquinho (*Quercus faginea*)
- Carvalho negral (*Quercus pirenaica*)
- Freixo (*Fraxinus angustifolia*)
- Bordo (*Acer pseudo platanus*)

Árvores de Jardim

- Tília (*Tilia platyphyllos*)
- Liquidâmbar (*Liquidambar styraciflua*)
- Cotonoester (*Cotonoester sp.*)
- Bordo da Noruega (*Acer platanoides*)
- Palmeira (*Phoenix canariensis*)
- Lagestroemia (*Lagestroemia indica*)

Se estiver interessado não hesite em contactar o Eduardo Trindade através dos seguintes números: tel. 236 487 018 ou tm. 919 240 682.

REDES DE SEMENTES - GENTE COM BIODIVERSIDADE DENTRO

Breve resenha de algumas associações do mundo (continuação. do número anterior)

Ricardo Paredes e Fátima Teixeira

SEEDS SAVERS EXCHANGE

(Estados Unidos da América)

A "Seed Savers Exchange" (SSE) é uma organização sem fins lucrativos dedicada à preservação de vegetais e frutos de horta. Fundada já no ano de 1975, contando com mais de 7.500 membros que recebem anualmente: o *livro-de-ano SSE*, de longe a mais extensa lista de variedades hortícolas do mundo contendo 11.000 variedades, disponíveis aos membros da associação; a *edição de verão* (em Agosto) e ainda a *edição de colheitas* (em Novembro). Estando assim em contínuo acompanhamento o património zelado pela SSE. Simultaneamente desde 1989, existe a "Flower and Herbs Exchange" (FHE), na qual e com igual relevância se cumprem os mesmos propósitos mas para plantas ornamentais e flores, em que cerca de 1,800 membros desfrutam de um património colectivo com perto de 2,000 variedades de outrora de plantas de flor. Editando-se de igual forma um catálogo de divulgação para pedidos, através de tal os seus membros estão recriando paisagens de outros tempos pela floração de plantas que foram usuais nos jardins dos seus antepassados. Para além de todo o acesso sem precedentes a estas sementes os seus membros encontram-se anualmente desde 1981 nos fins de Julho.

A organização conta com uma quinta com 50 hectares cheios de culturas de variedades tradicionais onde são em modo biológico cultivado todo o património que ascende em colecção às 25,000 variedades, visitáveis em Madison, Wisconsin no estado do Iowa. Estrategicamente, e como forma de financiamento a tamanho projecto foi criada a "Cornucopia Society", gerida por um

grupo de membros com a missão de garantirem um plano de ofertas que sustentem a SSE. Com os seus apoios estes membros tornam possível a continuidade da preservação a longo prazo da incomensurável biodiversidade genética americana, tirando benefícios fiscais para si mesmos.

Mais informações: www.seedsavers.org

RED ANDALUZA DE SEMILLAS

"Cultivando Biodiversidad"

(Andaluzia, Espanha)

Red Andaluza de Semillas



Cultivando Biodiversidad

A Red Andaluza de Semillas "Cultivando Biodiversidad" foi criada em Dezembro de 2003. No entanto os seus elementos trabalhavam já sob a cobertura da Rede de Sementes Estatal "Resembrando e Intercambiando" que surgiu em 1999, depois de uma oficina sobre biodiversidade agrícola realizada em Madrid nesse mesmo ano. A Rede de Sementes Estatal é formada por uma série de redes locais entre as quais se encontra a Red Andaluza de Semillas "Cultivando Biodiversidad".

As linhas de actuação da Red Andaluza de Semillas estão fundamentalmente repartidas em três vertentes distintas, contudo complementares. Assim, temos uma primeira parte de trabalho organizativo, onde a nível local se desenvolve uma rede que tenta juntar agricultores, consumidores, técnicos e pessoas interessada na biodiversidade agrícola e pecuária. Neste sentido a Red

Andaluza de Semillas tem organizado anualmente a Feira Andaluza de Biodiversidade Agrícola a que junta em simultâneo as “Jornadas Técnicas sobre Semillas y Recursos Genéticos para la Agricultura Ecológica”, de uma forma geral com o apoio dos municípios onde decorrem as feiras e também da Cooperativa La Verde, em Villamartín (Cádiz). Durante o corrente mês esta Rede de Sementes acabou de organizar mais uma Feira, desta vez a VII Feria de la Biodiversidad Agrícola, a par com as V Jornadas Técnicas sobre Semillas y Recursos Genéticos en la Agricultura Ecológica e com o 2º Seminário Europeo Sobre Semillas “Liberemos da Diversidad”, em Murcia. Nesta primeira linha de trabalho incluem-se também projectos de I+D e projectos de Desenvolvimento Rural que envolvem agricultor@s e técnico@s para reforçar os vínculos estabelecidos.

A segunda linha de actuação desta rede prende-se com o trabalho político levado a cabo a nível estatal e internacional, principalmente nas críticas sobre a normativa de sementes actual e sobre as futuras normas. Desenvolveu campanhas “Derechos de los Agricultores al Uso y Conservación de la Biodiversidad” e respectivo Manifesto, cujos pontos estão em plena vigência como proposta estratégica para a recuperação do protagonismo campesino no manejo da biodiversidade agrícola. A partir deste momento uma das actividades prioritárias da rede é a de abrir o debate sobre a nova regulamentação de sementes para a Agricultura Biológica.

Por último, mas não menos importante vem o trabalho formativo e informativo, através a elaboração de estudos e documentos sobre o manejo campesino das sementes e o acesso aos recursos genéticos. Nesta actividades destaca-se a realização de oficinas práticas temáticas sempre muito

concorridas, onde se aprendem as mais variadas técnicas na conservação de sementes locais. Entre as várias publicações já realizadas por esta rede salienta-se em especial o livro publicado em Outubro de 2004 “El conocimiento campesino en la Serra de Cádiz. En Hortelanos de la Serra de Cádiz”, que é um autêntico tributo às práticas e saberes de quem trabalhou a terra e guardou sementes durante toda uma vida. No âmbito das actividades de divulgação a Red Andaluza de Semillas publica ainda o Boletim Trimestral “Cultivar Local” da Rede de sementes “Resembrando e Intercambiando” que tem origem em Maio de 2003.

Antes de terminarmos esta resenha sobre a Red Andaluza de Semillas gostaríamos de acrescentar que a Colher Para Semear tem relações de grande amizade e bom convívio com esta rede. Já desde 2003/2004 que temos tido colaboração estreita com a Red Andaluza de Semillas e com alguns dos seus sócios com quem trocámos já algumas sementes. Esta rede espanhola serviu também de inspiração e de incentivo para o trabalho que a Colher Para Semear já iniciou e quer continuar a desenvolver.

Mais informações: www.redandaluzasemillas.org



PORTARIA SOBRE CRIAÇÃO DE ZONAS LIVRES DE TRANSGÉNICOS

Margarida Silva

Plataforma Transgénicos Fora do Prato

Recém chegada de férias aproveito para comentar a nova portaria relativa à criação de zonas livres de cultivos transgénicos, a Portaria nº 904/2006 de 4 de Setembro. É

perfeitamente lamentável o que o governo fez nesta portaria. A versão que circulou para discussão pública estava redigida de modo radicalmente diferente e muito mais interessante.

Tinha, no entanto, algumas falhas graves que a tornavam inaceitável para a comissão europeia, por cujo crivo teria de passar. Essas falhas foram apontadas no parecer da Plataforma Transgénicos Fora do Prato, assim como o modo de as corrigir sem detrimento dos objectivos do diploma. Claro que... não foi isto que aconteceu. E a comissão chumbou, tal como nós prevíamos. E depois as correcções, atamancadas, deram no que já conhecem: a portaria das zonas livres efectivamente esvazia e proíbe a sua criação. Não quero ser maquiavélica, mas se calhar era mesmo isto o pretendido pelo governo, logo à partida.

Na prática temos uma portaria que encerra uma curiosidade jurídica: não acrescenta uma vírgula ao que já estava estabelecido legalmente no Decreto-Lei anterior (isto porque, num concelho, se todos os agricultores estiverem de acordo em não cultivar OGM então a câmara também não tem de se dar ao trabalho de criar uma zona livre, visto que já está excluído o problema da contaminação). E se os agricultores tomarem a iniciativa de criar a sua zona livre (uma outra possibilidade da portaria) ganham ZERO como prémio de conseguir ultrapassar todas as questões administrativas inerentes. Até custa a acreditar nisto: não há absolutamente nenhuma vantagem para um agricultor em aderir a uma zona livre. As medidas de (suposta) protecção disponíveis para uma zona livre são exactamente as que já estão disponíveis para os agricultores individuais (e que foram definidas pelo tal decreto-lei 160/2005).

Agora a pergunta é: porque é que o governo publicou um texto que em nada acresce ao que já existe? Apenas para cumprir calendário? Eu avento uma hipótese adicional: o objectivo é estancar as iniciativas das câmaras (já umas 20 câmaras se declararam zonas livres), criando-lhes um mecanismo que as 'discipline' ao mesmo tempo que impõe uma ditadura da minoria (basta UM agricultor dizer que não quer para impedir a sua criação!) por forma a que na prática não se crie mais zona nenhuma, que já chega de incómodos.



Fora do Prato!

Que dizem? Inteligentes! Da próxima vez que o governo quiser definir uma qualquer estratégia para o país termos de lhe dizer que precisa primeiro de garantir o apoio unânime de todos os visados. Não é fantástico ter um país em que as leis só se podem aplicar se estivermos todos 100% de acordo?





COLHER PARA SEMEAR

**REDE PORTUGUESA
DE VARIEDADES TRADICIONAIS**

✂ -----

BOLETIM DE INSCRIÇÃO DE SÓCIO

(Por favor, preencher com letras bem legíveis, de preferência com maiúsculas)

Nome: _____

Morada: _____

Localidade: _____ Código Postal: _____

E-mail: _____

Telefone/ Telemóvel: _____ Data de Nascimento: _____

Profissão: _____ Nacionalidade: _____ Nº contribuinte: _____

Quota anual: Sócio individual 35 € Sócio colectivo 70 € Sócio estudante/reformado/menor de 16 anos 17,5 € Donativo de _____ Pretende receber sementes*? Sim Não

Pagamento por cheque nº _____ do Banco _____

No valor de _____ à ordem de Colher para Semear

Data _____ Assinatura _____

Preencha e envie para: **Colher para Semear**, Tv. Convento de Jesus, 47 – 2º dto, 1200-125 LISBOA

***Os sócios da associação Colher Para Semear têm o direito a: participar em todas as actividades promovidas ou apoiadas pela associação (p. e. encontros, oficinas de formação) com direito a redução de entrada quando praticável; receber o boletim interno e circulares; usufruir anualmente de um número de variedades, que serão definidas e disponibilizadas pela Direcção a partir de uma lista anual.**

COMO CONTRIBUIR?

Para concretizar estes objectivos, que são do interesse de todos nós, é necessária a contribuição do maior número de pessoas. De que modo?

- Através da inscrição como **sócio**;
- Pela oferta de **donativos** ou **géneros**;
- **Voluntariado** em diversas áreas: parte administrativa, pesquisa e trabalho de campo, recolha e propagação de sementes, inventariação, outras áreas relacionadas com as actividades da associação.
- Ser sócio **guardião de sementes**: comprometendo-se a multiplicar a(s) variedade(s) que apadrinhar, devolvendo à associação parte da sua colheita anual, devidamente seleccionada. Este sócio deve ter assistido previamente a uma oficina de formação sobre recolha, caracterização e propagação de sementes. O sócio guardião é mencionado no catálogo de variedades como reprodutor da semente que apadrinhar.

AO ENCONTRO DA SEMENTE 2006 - Programa

Palestras e o debate são moderados por José Brandão Pedro. A entrada para as palestras, exposição e animação é gratuita, embora de inscrição obrigatória.

Sábado - 21 de Outubro

9.00h (a)- Abertura do Encontro

9.30h (f)- Abertura da Exposição de Sementes

10.00h (a)-O Movimento Slow Food e a Biodiversidade, Virgínia Christensen

10.45h (a)-“As Sementes, a arqueobotânica e o Território Antigo”, José Eduardo Mateus e Paula Fernanda Queiroz do IPA Instituto Português de Arqueologia

11.30h (a)-A Conservação no Campo do Agricultor - O Caso da Serra da Peneda Gerês, Ana Barata do Banco Português de Germoplasma Vegetal, Direcção Regional de Agricultura Entre-Douro e Minho

12.15h (a)-O Homem e a Semente - Saberes e Sementes de Portugal, António Strecht

13.00h - Almoço(1)

14.45h (f)- Oficinas Práticas (repetição no Domingo)*

16.30h (a)- Debate: Organismos Geneticamente Modificados (OGM), Margarida Silva e João Vieira da Plataforma Transgénicos Fora do Prato

18.00h (f)- Mesa de Agricultores Sábios

20.00h - Jantar(1)

22.00h (f)- Programa de Animação: 1ª parte - Cavadores do Intendente; 2ª parte Kumpania Algazarra

Domingo - 22 de Outubro

9.00h (f)- Oficinas Práticas*

10.30h (a) - Chícharo - Um Património Identitário Como Factor de Desenvolvimento Local, Pedro Alves e Carlos Furtado

11.15h (a) - O Papel das Variedades Tradicionais na Agricultura em Zonas Periurbanas - O Caso da Região da Península de Setúbal, Jorge Ferreira

13.00h - Almoço(1)

14.00h (a)- Mesa Redonda com a participação de membros das Redes de Sementes estrangeiras (Espanha e França) e portuguesa (Colher Para Semear)

16.00h (a)- Assembleia-geral da Associação Colher Para Semear

*OFICINAS PRÁTICAS - PRODUÇÃO LOCAL DE SEMENTES (com inscrição paga - 12,50€)

- Colheita. Extracção pelos métodos húmido e seco - José Miguel A. Fonseca

- Selecção e conservação de sementes - Ricardo Carvalho Paredes

- Caracterização de variedades e condicionantes botânicos - Jorge Conceição Ferreira

(a) - Auditório Conde de Ferreira - Sesimbra (f) - Fortaleza de Santiago - Sesimbra (1) - Preço por refeição - 10 Euros
Destacar a ficha e enviá-la devidamente preenchida. Em alternativa pode inscrever-se via telefone ou e-mail.

FICHA DE INSCRIÇÃO

Se não pode estar presente, mas tem interesse no tema, poderá também contribuir enviando-nos sementes de variedades locais da sua região, devidamente identificadas. Para mais informações e envio da ficha de inscrição: José Miguel Fonseca, Quinta do Olival, Aguda, 3260 Figueiró dos Vinhos, tel. 236 622 218 ou Graça C. Ribeiro, Tv. do Convento de Jesus, nº 47 2º, 1200-125 Lisboa, tel. 213 908 784, tm. 914 909 334, e-mail: gcaldeiraribeiro@gmail.com